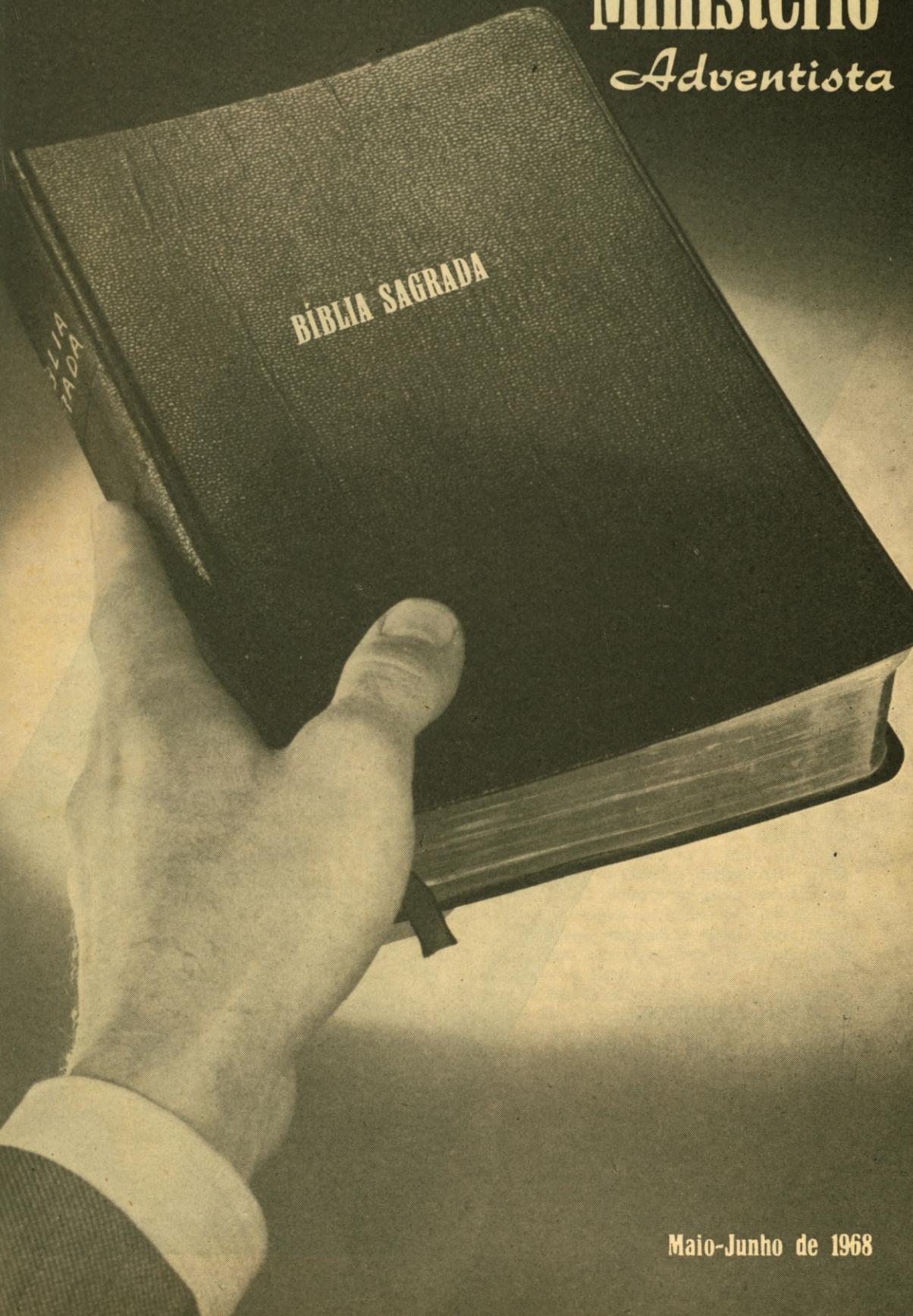


© **Ministério**
Adventista



Maio-Junho de 1968

O PREGADOR e Suas Orações



R. ALLAN ANDERSON

Ex-diretor da revista *The Ministry*

A ORAÇÃO é a maior força no universo, pois estabelece comunicação com a própria Fonte de poder. "Nesta era atômica, em que se desprendem forças que abalam o pensamento e a imaginação do homem, convém lembrar que a oração transcende a tôdas as outras forças," declara o Dr. F. J. Huegel no livro *Forever Triumphant*. A oração é um poder divino, e é isso que é necessário em nosso ministério no tempo atual.

Pensemos porém ligeiramente no conteúdo de nossas orações. Com freqüência há muita petição e pouco louvor. No entanto, o louvor é a parte mais essencial da verdadeira oração. Notai a oração de Jesus junto à sepultura de Lázaro. Foi uma oração curta mas positiva: "Pai, graças Te dou, por Me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre Me ouves." Que certeza se encontra nessas palavras! Ele estava em íntima comunhão com Seu Pai. Outro exemplo é a oração de Josafá em II Crônicas 20:18-22. Foi quando os líderes começaram a louvar ao Senhor que veio a vitória.

"Louvai a Deus!"

Um de nossos obreiros visitou recentemente nos o lar, com o semblante radiante de alegria interior. Este irmão não é um veterano amadurecido, com décadas de serviço nas costas. Está apenas na primavera da vida. Enquanto nos achávamos sentados em meu gabinete, ele olhou firmemente para mim e disse: "Sabe, irmão, tive de vir e partilhar algo com o senhor. Meu coração está tão cheio de alegria que pareço bradar: 'Louvai a Deus!' Jesus fez alguma coisa maravilhosa por mim e minha família."

Ele relatou então algumas experiências maravilhosas que tinham vindo como resposta de suas orações e as de seus familiares. Após um breve período de oração e louvor, nós nos despedimos. Quando ele saiu, não pude deixar de refletir no efeito de sua visita. Quão diferente era ela em comparação com algumas outras! Sua vida não tinha sido um mar de rosas. Houve verdadeiros desapontamentos e até tragédias, mas seu coração estava cheio de alegria, e sua oração se achava repleta de louvor. O Espírito Santo tornava Jesus muitíssimo real para ele. Isto era evidente por suas palavras e aspecto.

Quem Parece Estar Remido?

Nietzche, o filósofo descrente, disse certa vez com sarcasmo: "Você deve parecer mais remido para eu crer em seu Redentor." E Helmut Thieliche resume nossa atitude nestas palavras: "Quando voltamos da igreja damos a impressão de que em vez de vir do banquete do Pai, acabamos de vir de um xerife que pôs os nossos pecados em leilão, e agora estamos tristes por

não conseguir reavê-los." Isso talvez seja demasiado forte, mas indica a necessidade de refletirmos em nossa vida a alegria da salvação.

Quando nossas orações consistem grandemente em louvor, modificar-se-á tanto nossa perspectiva externa como interna. Os ministros, mais do que qualquer outras pessoas, precisam aprender a orar no Espírito. Disse Paulo: "Orarei com meu espírito — pelo Espírito Santo que está dentro de mim; mas também orarei inteligentemente — com a mente e o entendimento." I Cor. 14:15 — *The Amplified Bible*. Quando nossa vida está repleta do Espírito Santo, a oração torna-se um prazer. Nossa relutância em demorar-nos no aposento de oração bem poderá indicar a maneira como a avaliamos.

A Escola de Oração é Mais Importante do que a Teologia

Uma das experiências mais mortificantes na vida cristã é meramente proferir orações, ao invés de manter comunhão com um Amigo. Referimo-nos muitas vezes às palavras de Paulo em Romanos 10:9, quando conduzimos novos conversos à completa aceitação da carreira cristã, salientando a importância tanto da crença como da confissão: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres . . . , serás salvo." Isto é verdade, e não somente é necessário para os novos conversos, mas é igualmente muito essencial na vida do cristão amadurecido. Só por meio do Espírito Santo podemos confessar que Jesus é Senhor (I Cor. 12:3). E esta confissão deve ser uma experiência diária. Não é suficiente confessar nossos pecados, precisamos confessar também a nosso Salvador, tanto em nossa pregação como em nossas orações públicas e particulares. "Pregação que mata é pregação destituída de oração," declara E. M. Bounds. "O pregador que é fraco na oração, também é fraco em forças vivificadoras. . . . Orações profissionais arrefecem e destroem tanto a pregação como a oração. . . . As orações em muitos púlpitos são longas, discursivas, insípidas e vazias. Sem união e sentimento, elas caem como pungente geada sobre todos os atrativos do culto. . . . Uma escola para ensinar os pregadores a orar da maneira como Deus considera a oração, seria mais salutar para a verdadeira piedade, para o verdadeiro culto, para a verdadeira pregação, do que tôdas as escolas de teologia." — *Power Through Prayer*, págs. 25 e 26. (Grifo nosso.) Como ministros, não somente precisamos aprender o segredo da oração genuína, mas também ensinar a nosso querido povo como orar.

Outra coisa que necessitamos como pregadores, é a certeza de que nossos rebanhos estão orando por nós. Quantas vezes Paulo solicitava

que seus conversos orassem por êle! Seu êxito como pastor na igreja e evangelista no mundo era indubitavelmente atribuível ao poder da oração. Antes mesmo de ir a Roma, êle pediu aos membros de lá que orassem por êle e seus obreiros (Rom. 15:30). Disse êle para os crentes de Êfeso: "Com tôda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com tôda perseverança e súplica por todos os santos, e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha bôca, a palavra, para com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho." Efés. 6:18 e 19. De maneira semelhante êle apelou para os colossenses, coríntios, tessalonicenses e filipenses. Que humildade e perspicácia são reveladas nestes pedidos! Se êste apóstolo e dirigente sentia necessidade das orações constantes do povo de Deus, a fim de ter êxito no ministério, qual deveria ser a nossa atitude nestas horas finais da História?

Santidade Sem Mácula

Sem dúvida, a grande necessidade de nosso tempo é a de homens com visão mais clara, santidade sem mácula, vigor espiritual e inquebrantável fé; homens que possam reconduzir a igreja aos tempos em que êles abalavam os próprios edifícios com suas orações. E Deus encontrará tais homens e mulheres.

Há uns cinco anos apareceu um interessante artigo na revista *Conquest for Christ*, órgão oficial da International Students, Inc. Foi escrito por Bakhtsingh, fervoroso dirigente cristão na Índia. Êle não está criticando, mas sim deplorando uma condição que não podemos negar. Ler estas palavras poderá servir para humilhar nosso coração diante de Deus. Diz êle:

Vigiai, Sentinelas!

"As igrejas autóctones da Índia sentem agora grande preocupação pela América. . . . Tendes pena de nós na Índia por causa de nossa pobreza nas coisas *materiais*. Nós que conhecemos ao Senhor na Índia temos pena de vós na América por causa de vossa pobreza *espiritual*. Ora-

mos pedindo que Deus vos dê o ouro provado no fogo, que Êle prometeu aos que conhecem o poder de Sua ressurreição. . . . Em nossa igreja pasamos quatro, cinco ou seis horas em oração e culto, e com freqüência nosso povo espera no Senhor, em oração, a noite inteira; mas na América, depois de estar na igreja durante uma hora, começais a olhar para o relógio. Rogamos que Deus vos mostre o verdadeiro significado do culto. . . . Tendes grande confiança em cartazes, anúncios e propagandas, e na personalidade de um ser humano; na Índia não temos nada mais do que o próprio Senhor, e achamos que Êle é suficiente. Antes de uma reunião cristã na Índia, nunca anunciamos quem será o orador. O povo vem para buscar ao Senhor, e não a um ser humano ou para ouvir alguma pessoa pela qual sentem especial predileção. Temos visto até 12.000 pessoas se reunirem apenas para adorar a Deus e ter comunhão uns com os outros. Estamos orando para que o povo da América também vá à igreja com fome de Deus e não meramente com desejo ardente de ver alguma forma de diversão ou ouvir coros e a voz de algum homem."

Nalgumas regiões do mundo o povo de Deus parece estar mais perto do cristianismo do Novo Testamento, do que nós num país tão favorecido como êste. Mas aproxima-se uma mudança. Ela está mais perto do que imaginam muitos de nós. Lembremo-nos porém de que o verdadeiro avivamento sempre começa com oração. Êle não surge de outra maneira.

Indolência Para com Deus

"Irmãos, o clamoroso pecado da igreja é sua indolência para com Deus," declara Samuel Chadwick em seu livro *The Way to Pentecost*. Quando ajudamos nosso povo a descobrir o autêntico poder da oração, nós os preparamos para a chuva serôdia. Cremos que "a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Onipotência;" portanto, usemos reverentemente essa chave. E ao orar, não nos esqueçamos de louvar a Deus.

"Nossos ministros devem planejar sãbiamente, como mordomos fiéis. Devem sentir que não é seu dever rondar as igrejas já formadas, mas antes fazer trabalho evangélico ativo, pregando a Palavra e fazendo trabalho de casa em casa nos lugares que ainda não ouviram a verdade. . . . Se os ministros saíssem do caminho, se êles fôssem para novos campos, os membros seriam obrigados a levar as responsabilidades, e sua capacidade aumentaria pelo uso." — Evangelismo, pág. 382.



EDITORIAL

Os Quatro "RR" do Evangelismo

ENOCH DE OLIVEIRA



HÁ alguns anos, na cidade de Moscou, efetuou-se uma grande concentração de jovens, por ocasião de um congresso internacional do partido comunista. Vários oradores, representando diferentes países, proclamavam com fervor e eloquência o triunfo da revolução comu-

nista. O programa era interrompido algumas vezes pelo ressoar marcial dos clarins e a vibrante aclamação dos congressistas reunidos, que repetiam: "Estamos transformando o mundo! Estamos transformando o mundo!" Toda vez que os clarins se faziam ouvir, aqueles jovens, animados pela convicção do triunfo inevitável do comunismo, exclamavam: "Estamos transformando o mundo!"

Sem dúvida alguma, o mundo carece de uma transformação. Os tempos modernos caracterizam-se pelo materialismo, violência, incerteza e o temor do aniquilamento da espécie humana num horrendo "holocausto atômico." A indiferença religiosa, e como conseqüência, o declínio moral, são realidades evidentes no mundo contemporâneo. Diante de tais circunstâncias desesperadoras, ninguém discute a necessidade de uma transformação. Mas que espécie de transformação necessita o mundo? Sem pretender ignorar a necessidade de uma reforma na atual estrutura econômica e social de nossos dias, diremos que a transformação suprema é de ordem moral.

A transformação do coração humano — do coração como sede da vontade, das emoções, desejos e anelos — eis a necessidade primordial.

Surge então a urgência do evangelismo. Mas, frente aos problemas acima mencionados, que mensagem devemos apresentar em nosso evangelismo?

Tendo as Sagradas Escrituras como fundamento, cabe-nos apresentar sem circunlóquio, os quatro "RR" que representam a síntese de um programa de evangelismo, a saber:

A Ruína do Homem

A Redenção em Cristo

A Regeneração Pelo Poder do Evangelho

A Responsabilidade do Homem Ante Deus

Quanto necessita o mundo conhecer estes grandes temas da fé! Mas, como evangelistas, estamos proclamando estas doutrinas com o mesmo entusiasmo manifestado pelos adeptos do marxismo, no congresso internacional de Moscou? Eis as palavras desafiantes de um fervoroso discípulo de Marx: "O Evangelho é uma arma muito mais poderosa para a renovação da sociedade que nossa filosofia marxista, mas de todos os modos, nós ganharemos. Somos somente um punhado e vós cristãos, sois milhões. Mas se vos recordardes da história de Gideão e seus trezentos companheiros, perceberéis que tenho razão. Nós, os comunistas, não jogamos com as palavras. Somos realistas, e, sendo que temos a determinação de alcançar nosso objetivo, sabemos como obter os meios para êle. De nossas entradas somente conservamos o que é estritamente necessário, entregando o resto para propaganda. A esta propaganda, também consagramos todo o nosso tempo livre, e parte de nossas férias. Vós, em troca, somente dais um pouco de vosso tempo e quase nada de dinheiro para a propagação do Evangelho de Cristo. Como pôde alguém crer no valor supremo do Evangelho se vós não o pondeis em prática, não o divulgais? Nem sacrificais tempo e dinheiro pelo mesmo? Crede-me, somos nós que ganharemos com a nossa mensagem comunista e estamos dispostos a sacrificar tudo, ainda nossa vida, pelo triunfo da justiça social. Mas vós, os cristãos, tendes medo de sujar as mãos." (De Paix et Liberté.)

Êles, desconhecendo os quatro "RR" mencio-

(Continua na pág. 12)



COPYRIGHT © 1959 BY THE REVIEW AND HERALD

CLYDE PROVONSHA, ARTIST

O MINISTÉRIO é uma vocação complexa.

Em primeiro lugar o ministro deve ser eficiente pregador do Evangelho. Nesta função ele precisa estar bem informado, conhecer sua Bíblia e saber como transmitir sua mensagem. Em correlação com sua habilidade como pregador, o ministro deve ser um dirigente na adoração. Além destes dois setores em que o ministro deve ser um especialista, ele precisa compreender a arte do serviço pessoal tanto dentro como fora da igreja, e tem de ser competente administrador dos negócios da igreja.

A quádrupla função — pregador, dirigente de culto, conselheiro e administrador — constitui um forte desafio para o ministro. Visto que bem poucos homens são uniformemente eficientes em todos esses quatro setores, há a tendência de esmerar-se no setor em que os resultados podem ser avaliados com mais facilidade: a administração. Em anos recentes tem-se dado nova ênfase aos conselhos pastorais. Os ministros sempre têm sido incentivados a esmerar-se na pregação, mas o preço do êxito neste setor é tão grande que apenas uma minoria atinge um grau elevado de competência.

O quarto setor — a liderança na adoração — é um campo muito amplo. Muito poucas pessoas têm dedicado sério estudo à filosofia, à teologia, à história e às técnicas do culto. Aquê-

les que o fizeram descobriram nova riqueza na obra do ministério.

O Impacto das Onze Horas

O êxito da Igreja Adventista do Sétimo Dia é em grande parte determinado pelo que ocorre entre as onze e as doze horas no sábado de manhã. Ao dizer isto, eu não diminuo a importância de nossos esforços evangelísticos e missionários. Mas o êxito final de nossa arremetida depende do impacto que o serviço de adoração exerce sobre os visitantes ou os crentes novos que procuram a comunhão com a igreja. A pessoa pode ter estado muito interessada na Voz da Profecia ou no programa Fé Para Hoje, e pode ter concluído um curso bíblico, mas se a sua primeira visita à igreja adventista local a introduz num culto agitado, desorganizado e inexpressivo, é provável que seja neutralizada a influência evangelística. A transferência do auditório evangelístico para a igreja pode ser bastante traumática se o crente novo depara com um culto entre um côro de crianças chorando num mal planejado serviço próprio de amadores.

O adventista que freqüenta a igreja devia sentir-se livre para trazer qualquer visitante a qualquer reunião de igreja em qualquer ocasião, sem receio de constrangimento devido a

NORVAL F. PEASE

Lente de Teologia Aplicada, Universidade de Loma Linda

atitude da congregação, à ordem do serviço ou ao sermão. A eficiência da igreja como instrumentalidade evangelística pode ser grandemente enaltecida se fôr seguida esta regra.

Quais são os fatores importantes que predominam na obra do ministro como dirigente de culto?

É Indispensável Haver Planejamento

Primeiro, êle deve planejar um culto que seja realmente um serviço de adoração. Isto significa que na reunião haverá lugar para adoração, confissão, dedicação e instrução; e as diversas partes do culto divino estarão em certa seqüência significativa. Os hinos, as orações, os cânticos litúrgicos e as ofertas devem ser mais do que simples material introdutório para um sermão. Por mais importante que seja o sermão, êle não é o ponto culminante do culto — o clímax é a dedicação pessoal que termina o culto, a qual pode ser expressa por um hino de dedicação, uma oração ou uma oferta.

Uma grande igreja adventista está agora usando a seguinte ordem de serviço religioso:

Adoração e Louvor

Prelúdio de Órgão
Convite à Adoração
Hino de Louvor
Invocação
Seleção Musical ou Cântico Litúrgico
Oferta

Proclamação

Lição das Escrituras
Oração Pastoral
Hino de Meditação
Sermão

Dedicação

Hino de Dedicação
Bênção
Poslúdio de Órgão

Esta ordem, com pequenas modificações, pode ser usada em igrejas de qualquer tamanho ou categoria. O adorador é levado a ver progresso e significado no culto. Êste não é uma simples mistura de atividades desconexas ou pouco relacionadas entre si. A Bíblia é usada no convite à adoração, na lição das Escrituras e no sermão. Os três hinos são apropriadamente escolhidos como hinos de louvor, meditação e dedicação, harmonizando-se portanto com as três partes fundamentais do culto. A oferta é considerada como parte da adoração e louvor. Com idêntica propriedade, ela poderia ser re-

colhida no final, como símbolo de dedicação. As três orações — invocação, oração pastoral e bênção — correspondem a um modelo familiar.

Dois Característicos

Esta não é de modo algum a única maneira adequada de planejar um serviço religioso. Podem ser empregadas muitas alterações, mas todo genuíno culto de igreja terá dois característicos: a ordem será significativa e cada parte será bem apresentada.

O *segundo* fator importante no culto é que o dirigente de adoração, quer seja um ministro ou um ancião de igreja, deve dirigir o culto com espírito de adoração. Êste espírito envolve reverência, gratidão, temor e amor. Um grande ministro disse que só a pessoa redimida pode realmente adorar a Deus. O verdadeiro culto é a retribuição que essa pessoa presta a seu Redentor.

Em *terceiro* lugar, não pode haver adoração sem quietude. Mover-se duma parte para outra, cochichar e o chôro de bebês afastam do culto o espírito de adoração. Êstes problemas *precisam* ser solucionados por meio de educação, quartos para crianças, tapêtes e tudo o mais que fôr necessário.

Quarto, a música deve ser apropriada. Mesmo na mais simples igreja rural, com um velho piano ou um órgão rechinante, podem ser escolhidos bons hinos de adoração. Os hinos evangélicos têm o seu valor, mas não de modo habitual no serviço de adoração.

Quinto, a Escritura deve ser lida corretamente. Aquêle que lê deve conhecer a sua parte com vários dias de antecedência e exercitar-se na leitura do trecho indicado.

Sexto, as orações, embora espontâneas, não devem ser meras coleções de frases estereotipadas. As orações podem ser planejadas sem ser lidas.

Finalmente, o sermão deve basear-se na Palavra de Deus e ser talhado para conduzir o ouvinte à presença do Senhor. Não deve ser mera instrução ou simples entretenimento, mas sim uma comunicação da mensagem de Deus da maneira como se encontra em Sua Palavra.

Deus é Desonrado Pelos Disparates

Existe bem pouco perigo de que os cultos adventistas se tornem muito formais. Naturalmente, não podemos seguir a atual renovação litúrgica com sua ênfase em fórmulas repisadas e seu retôrno ao simbolismo medieval. No entanto, devemos procurar dar beleza ao culto. A adoração a Deus merece o melhor que pode-

(Continua na pág. 10)

As Finanças da Igreja

RICARDO D. FEARING

Pastor, Colégio Walla Walla, Washington

EU estava no ministério há uns nove meses, quando palestrei, uma noite, amigavelmente com meu supervisor distrital. Achávamo-nos em meio à campanha da Recolta, que parecia avançar vagorosamente. A igreja tinha a reputação de sempre ficar em último lugar na Associação, mas animamos o secretário de Atividades Missionárias, declarando que criaríamos uma forte retaguarda. Eu disse que não sabia por que conversávamos tanto sobre dinheiro e tínhamos de fazer tanto esforço para angariá-lo. A resposta foi: "Enquanto você estiver nesta obra terá de viver com duas coisas: dinheiro e problemas."

O que disse o meu supervisor era correto. Resolvi lidar da melhor maneira possível com os problemas e deixar que o Senhor cuidasse do resto. O dinheiro não precisava ser um problema caso houvesse organização apropriada. Por que não seria a igreja aos meus cuidados tão solvível como minhas próprias finanças pessoais? Com efeito, se minhas finanças pessoais estavam fora de censura, com certeza eu poderia tomar tempo para organizar da mesma maneira as finanças de minha igreja.

Eis aqui alguns pensamentos breves em relação com as finanças da igreja, que contribuem para um programa de êxito, segundo descobri através dos anos

Ter um Plano Financeiro

O homem que procura estar livre de embaraço financeiro será realmente um cativo. O homem que conhece os recursos de seu tesouro está realmente livre para fazer sólidas decisões. Que tragédia é pastorear uma igreja em que não há qualquer plano financeiro! É muito difícil para o pastor ou a comissão da igreja dirigir um programa amplo e consistente de



testemunho quando nunca há quaisquer fundos na tesouraria. Isto põe o tesoureiro em situação desfavorável para com o pastor, seu amigo, e os membros da comissão, seus companheiros. Ele sempre se vê obrigado a dizer: "Irmãos, não temos o dinheiro." Todos sabemos que é mais fácil votar em favor de alguma coisa quando temos o dinheiro para pagá-la. Por conseguinte, é bom saber como vai a tesouraria no fim de cada semana numa igreja grande e no fim de cada mês numa igreja pequena.

É Essencial um Fundo de Reserva

Cada igreja deve ter um fundo de reserva. Rogério Babson escreve num de seus livros (*Twenty Ways to Save Money, Vinte Maneiras de Economizar Dinheiro*), que o dinheiro deve trabalhar para nós e não contra nós. Ele o compara à água que corre pela colina abaixo. Devemos ter um pouco de dinheiro no banco, que produza juros com regularidade, e quando um projeto especial exigir alguns dólares, sempre teremos o dinheiro disponível. Esse dinheiro também nos conferirá um desconto no lugar em que comprarmos provisões necessárias.

Uma igreja pequena poderia guardar de quinze a vinte e cinco dólares (NCr\$ 50,00 a NCr\$ 80,00) cada mês, em seu fundo de reserva. Uma igreja de tamanho médio talvez consiga guardar de quarenta a sessenta dólares por mês (NCr\$ 130,00 a NCr\$ 190,00), e uma igreja de várias centenas até mil membros ou mais, por meio de administração apropriada, poderia guardar de cem a duzentos dólares por mês (NCr\$ 300,00 a NCr\$ 600,00), dependendo da natureza de sua ação. Este fundo de reserva traz grande confiança aos membros da comissão da igreja. Tenho notado que quando apresento um projeto a uma igreja que possui bom fundo de reserva, eles votam invariavelmente mais do que eu solicito! Lembro-me de uma igreja na União do Lago que sempre dava mais para as ofertas denominacionais e da igreja local do que eu esperava. É bom pôr a igreja numa posição em que eles tenham essa espécie de confiança.

Direis talvez: "Bem, não queremos falar demasiado a respeito de dinheiro." Sabeis que a Bíblia fala bastante sobre dinheiro? A posse de dinheiro pode ser uma grande bênção, ou pode ser a fonte de sentimentos avaros. É fácil votarmos num projeto desde que ele não custe dinheiro. Mas quando chegamos a cruzeiros e centavos, os irmãos começam a revelar suas verdadeiras impressões. Existe uma maneira certa e uma maneira errada de falar sobre dinheiro. Aprendei e usai a maneira correta.

Os Meses de Outono São Bons Para Promoção

Convém usar os meses do outono para boa promoção. Na maioria das igrejas estes meses são muito vantajosos para angariar fundos de construção, ofertas denominacionais, ofertas para as despesas da igreja etc. Não incluí o dízimo nesta lista, pois ele deve ser dado sistematicamente, cada semana ou mês. Fariamos bem em agir com presteza durante esse tempo, a fim de formar nossas reservas para os meses em que as entradas costumam ser as mais baixas do ano. Usai de imaginação em vossa promoção!

Descobri através dos anos que o uso do envelope denominacional produz maiores ofertas. As ofertas em pratos de coleta tendem a ser bem menores do que as ofertas em envelopes. Isto aumenta a quantidade de ofertas que vão para o grande programa denominacional. Um dos membros da igreja do colégio disse que nas três semanas de promoção que temos, ele introduz a mão no bolso na primeira semana, agarra o dinheiro na segunda semana e o extrai do bolso na terceira semana. Tenho seguido o método com meu diretor de atividades

missionárias e outros dirigentes departamentais, dando-lhes três semanas para apresentar uma necessidade, atingir vagarosamente o ponto culminante no dia da oferta, e promover então vigorosamente o uso dos envelopes de oferta.

Um dia Benjamim Franklin foi assistir a um sermão pregado por seu amigo, Jorge Whitefield. Anteriormente ele tivera uma pequena disputa com Whitefield sobre a localização de um futuro orfanato. Franklin recusou dar-lhe mais alguma contribuição, mas não havia levado em conta a oratória de seu amigo. Declara Franklin: "Aconteceu que pouco depois eu assisti a um de seus sermões, e resolvi silenciosamente que ele não obteria nada de mim. Em meu bolso havia algumas moedas de cobre, três ou quatro dólares de prata e cinco de ouro. À medida que ele continuava, eu comecei a enternecer-me e resolvi dar as moedas de cobre. Outro rasgo de sua oratória fez com que eu ficasse envergonhado e resolvesse dar a prata. E ele concluiu tão admiravelmente que esvaziei o meu bolso no prato de coleta: o ouro e tudo o mais." — A. D. Belden, *What America Owes to George Whitefield*.

Participação dos Jovens

Outra experiência que tem sido realizada na igreja do colégio é a participação dos estudantes. Afinal, esta é sua igreja longe de casa, e nos últimos três ou quatro anos centenas se comprometeram a dar cada mês pequenas quantias para diversos projetos da igreja. Milhares de dólares auxiliaram a causa de Deus por meio da imaginação, dedicação e altruísmo destes jovens. Isto prepara os moços e as moças para serem patrocinadores liberais das igrejas a que se dirigirem.

O pastor sensato nunca negligencia as ofertas da Escola Sabatina para as missões. Algumas igrejas preferem pôr cartazes na parede para anunciar o total da oferta na semana anterior. Eu acho que publicar os dados no boletim realiza da mesma maneira a tarefa de informar, sem a distração que um cartaz na parede possa trazer. O segredo, porém, de alcançar o alvo geral está na pequena promoção que os professores fazem cada sábado em suas classes. Este apêlo pessoal no tocante à oferta produz uma reação profunda e liberal.

Aumentos de Capital

Mais um pouco de filosofia. Todo mês que passa sem que sejam remetidos alguns fundos para aumentos de capital em vossa igreja, é um mês inteiramente desperdiçado. Mesmo que entrem apenas vinte e cinco a cinquenta dóla-

res, ao estardes em meio a certos projetos, isto significará muito. Tereis dinheiro no futuro para empreender outra campanha ou para pagar um arquiteto.

Outra lei não formulada sôbre finanças de igreja entre ministros: A não ser em circunstâncias muito excepcionais, nunca deixeis a vosso sucessor compromissos do fundo de construção superiores a um ano. Ele merece dirigir o seu próprio programa. Ele se erguerá para bendizer-vos se deixardes as finanças da igreja em ordem. Amar-vos-á até o dia de vossa morte se lhe deixardes pelo menos uma pequena quantidade para preencher algum compromisso do fundo de construção. Ouvi falar de um presidente de Associação que empatou todos os fundos para seu sucessor, durante quatro anos. Esse processo não é bom para o registo financeiro do ministério.

O ministro deve tornar suas contribuições tão liberais quanto o permita o seu orçamento. Convém que ensine sua família a levar alguma coisa para a casa de Deus cada sábado. Deve acolher com agrado a investigação dos livros da igreja pelo tesoureiro da Associação, no que diz respeito a suas contribuições para o programa mundial. Importa que evite comprometer-se demasiado em determinada campanha, eliminando assim o embaraço de não poder cumprir sua promessa. Ele deve ser o "padrão dos fiéis" em relação a sua habilidade para dar.

Os fundos operativos da igreja são mais importantes do que os fundos referentes ao capital. Se reduzirdes sèriamente o campo de ação de vossa igreja ou escola por meio de um pesado programa de capital, perturbareis as pessoas e causareis dificuldade a vós mesmos. Os dois devem ser conservados separados, e o primeiro deve receber maior ênfase. Não deixeis vosso povo meter-se em camisa de onze varas! Um edifício é completado dentro de três a cinco anos. Construir, em geral, ocorre uma só vez, mas o funcionamento prossegue continuamente.

A escola primária, tanto quanto possível, deve ser subvencionada pelo fundo destinado às despesas da igreja, para que seja realmente uma escola adventista. O Espírito de Profecia incentiva todos os indivíduos que são membros da igreja a participar da manutenção da escola. Mantende bem elevado o vosso subsídio, e conservaí o mais baixo possível o custo do ensino, tornando assim a Educação Cristã acessível a todos.

Sois o pastor. Mantende a vossa igreja livre de dívidas e prossegui num vigoroso programa que realce as maiores virtudes que a igreja deve possuir antes da volta de seu Senhor.

O MINISTRO — Um Dirigente . . .

(Continuação da pág. 7)

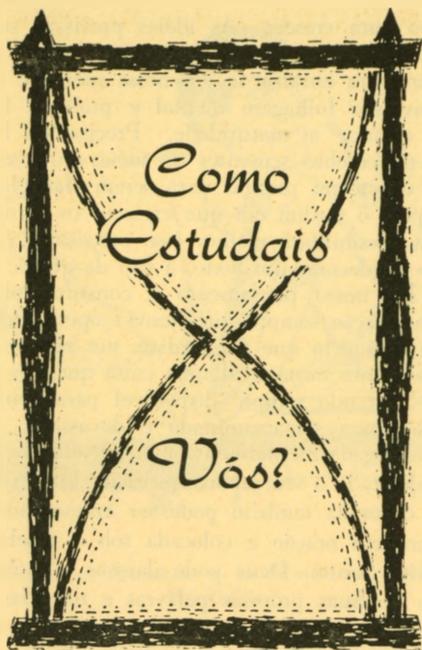
mos oferecer, e o Senhor é desonrado por práticas desajeitadas e grosseiras. Conquanto as razões estéticas não sejam o critério primordial do culto, não há motivo para os cultos adventistas não possuírem uma formosa simplicidade que seja esteticamente aceitável para o crítico mais perspicaz.

Educação, Nosso Dever

Dizem muitos ministros: "Somos líderes distritais. Só podemos estar num lugar de cada vez, por isso temos de confiar a outros a liderança de nossos cultos de igreja. Como podemos conservar elevado o padrão?" Isto é um problema, mas acaso não faz parte da obra do ministro instruir seus anciãos de igreja quanto às noções apropriadas de adoração? Não deveria o ministro estudar a ordem do culto em cada igreja com seus anciãos e ver se é possível melhorá-la? Não pode o ministro preparar convites à adoração, leituras da Bíblia e outros materiais que auxiliem os anciãos em sua liderança? Não é possível, em muitos casos, que o pastor e o ancião local encontrem satisfação mútua na eficiência do serviço da igreja? As modificações neste setor devem ser feitas de maneira sensata e jeitosa. É verdade que muitos membros de igreja contentam-se plenamente com reuniões desajeitadas e inexpressivas, e resistem a qualquer tentativa para uma modificação. Mas também é verdade que um número cada vez maior de membros anseiam que seus pastores desenvolvam cultos mais significativos. Nem sempre podemos ser obstados em nossos esforços para o progresso pelos que confundem o *status quo* com a espiritualidade. Tampouco podemos ser alarmados pelos que vêem algo sinistro em toda tentativa de adorar a Deus de maneira mais bela.

A importância da correta adoração a Deus é muito bem sintetizada no seguinte trecho:

"Adoração é o que sucede quando uma boa pessoa se torna plenamente consciente da presença e do propósito de Deus. . . . Sempre que os cristãos têm estado profundamente cõscios da presença real e do verdadeiro propósito de Deus, as chamas sôbre o altar de seus corações e sôbre o altar da igreja têm brilhado intensamente e iluminado a vereda que conduz Aquele que é 'o caminho, e a verdade, e a vida.' Por outro lado, sempre que o ópio do pecado tem entorpecido os nervos sensitivos da alma, quando é obscurecida a percepção que o homem tem de Deus e declina sua consciência a respeito das coisas espirituais, as chamas do culto se extinguem, esfria o altar do coração e o homem se contenta em brincar nas cinzas. Ele cessa de prestar culto." — BRENNER, em *The Way of Worship*, pág. 128.



(Conclusão)

BERNARDO E. SETON

Presidente da União Britânica

Estudar Para Pregar

NOTAMOS que a igreja hoje em dia desfalece por falta de grandes pregadores. Ela anseia por correntes de água viva que mitiguem sua sede espiritual. Essa sede nunca será saciada enquanto seus pregadores não prepararem grandes sermões baseados em diligente estudo de grandes assuntos. Os que desejam ajudar a igreja devem voltar a atenção para os amplos assuntos em torno dos quais foi construída a Bíblia: Deus, o Pai; Deus, o Filho; Deus, o Espírito Santo; a Trindade; a Expição; a Inspiração das Escrituras; a Segunda Vinda em relação com o panorama contemporâneo. Tantos e tão grandiosos são os temas que aguardam o nos o estudo, que não há necessidade de gastarmos o nosso tempo em pensamentos diminutos; na verdade, atrasaremos nosso progresso ministerial e tolheremos nosso desenvolvimento espiritual se desperdiçarmos tempo com questões insignificantes e negligenciarmos as revelações bíblicas mais importantes.

A igreja necessita também de ministros que se empenhem em estudo original — não de assuntos originais, pois não os há mais agora, mas em e tudo que seja original no sentido de pertencer a nós mesmos e não consistir numa fei-

ção nova de pensamentos de outros homens. Isto só poderá provir de nossa própria leitura e de nossa própria reação diante do que é sugerido pelo Espírito Santo enquanto lemos e quando começamos a estudar. Devemos deixar, pois, que nossa própria personalidade se desenvolva sob o controle do Espírito Santo, para que o produto de nosso estudo leve o cunho de nossa própria mente.

Será mais fácil alcançarmos semelhante ideal se desde o início nos acostarmos a pensar por nós mesmos. É bom começar com a Bíblia e ficar com a Bíblia até havermos extraído de uma passagem o que então pudermos obter. Depois de fazer isto, podemos começar a ler o que outros escreveram. Seus pensamentos completarão o que já descobrimos, de preferência a fazê-lo desaparecer. Sua venerável autoridade pode reforçar as conclusões a que atingimos diligentemente e dar maior peso à mensagem que preparamos de modo independente.

A fim de que nosso estudo produza uma corrente de exposições interessantes, precisamos conhecer muitas maneiras diferentes de explorar os tesouros da Bíblia. O método preferido pela maioria dos adventistas, e que portanto deve ser usado de modo parcimonioso, é o estudo por tópicos, no qual se recolhem dados bíblicos sobre determinado assunto; mas há muitos outros métodos que podem ser usados com proveito: a apresentação da mensagem condensada de um livro completo, o relato minucioso de um incidente significativo na História Sagrada, a narração de uma biografia com sua aplicação no tempo atual, a delineação do cumprimento profético, a exposição de uma passagem especial, ou o exame minucioso de um único texto, o que é talvez a arte mais excelente.

Concentrar-se em Temas Específicos

Espraiemo-nos nestas poucas sugestões e consideremos alguns temas específicos. Acharemos incentivante fazer nôvo estudo pessoal de nossas doutrinas principais, considerando o valor que encerram para nós mesmos, ao invés de extraí-las inteiramente de um compêndio denominacional. Devemos tornar nossa toda interpretação, a fim de poder apresentá-la com profunda convicção pessoal. Não deveríamos ter dificuldade em dominar o conteúdo de alguns dos livros menores, tais como: Rute, Oséias ou Habacuque; Marcos, Tiago ou Judas; e preparar uma palestra ou uma série de palestras de veras interessantes, instrutivas e inspiradoras baseadas em tal proficiência. O uso de uma imaginação ativa e santificada dará vida às cenas bíblicas; veremos os acontecimentos remotos como se estivessem ocorrendo diante de nossos olhos; vívidos pormenores acrescentarão autêntico colorido à história; personagens inanimados

serão ressuscitados para inspirar nossos ouvintes com seu exemplo piedoso.

No campo da biografia, a Bíblia é inigualável: cada existência pode fornecer suas lições, se tão-somente nos dermos ao trabalho de reconstruir os personagens e o tempo em que viveram. Uma profusão de material para sermões aguarda a utilização que lhe dermos no domínio de assuntos teológicos: o Reino de Deus, o Reino do Céu, o Reino da Graça, o Reino da Glória. Poderíamos passar tôda a nossa vida ministerial acompanhando o desenvolvimento de tais assuntos, concomitantemente com outros estudos.

Para nosso próprio benefício, além de outras razões, sem dúvida convém prepararmos uma série sôbre a vida de nosso Salvador, considerando Sua preexistência, encarnação, infância, juventude, a parte inicial e final de Seu ministério, a semana da paixão, a ressurreição, a ascensão e Seu ministério celestial. E para completar a nossa lista, aceitemos a agradável tarefa de preparar sermões baseados em textos muito conhecidos: S. João 3:16; Gênesis 1:1; Êxodo 3:14; Rute 1:16 e 17; Salmo 23:1; Isaías 53:4 e 5; Daniel 2:44; S. Mateus 1:21; Atos 1:8; Gálatas 2:20. A escolha é quase inexaurível! Será para nosso proveito intelectual e espiritual experimentarmos tôdas estas formas e introduzir modificações em seu uso, para que não percam o encanto para nós e nossos ouvintes.

É Mister Haver Rigorosa Disciplina Mental

Em todo êsse estudo devemos exercer firme integridade e rigorosa disciplina mental que rejeite o pretexto fluente e nos incentive a procurar válido apoio textual para as lições que desejamos ensinar. Procuraremos descobrir o sentido primordial de tôda passagem em seu contexto e ser muito cuidadosos no tocante às suas aplicações secundárias. Esforçar-nos-emos conscienciosamente para compreender o desígnio do autor ao escrever o seu livro, e evitaremos fazer descurada aplicação de palavras que foram escritas milhares de anos atrás. Procuraremos também descobrir como Deus deseja que interpretemos a mensagem especial que estivermos estudando.

Não Precipitar-se

Tais métodos de estudo da Bíblia não são completados às pressas. Exigem o dispêndio de tempo tranqüilo e requerem que preparemos nossos pensamentos muito antes da ocasião em que forem necessários. Grandes pensamentos, da mesma maneira que árvores grandes, levam

tempo para crescer. As idéias precisam surgir em forma de semente, ter então tempo para brotar, para enraizar-se em nossa mente e para desenvolver folhagem mental e produzir fruto que alcance a maturidade. Precisamos levar pois no cérebro sementes de idéias que germinem e estejam prontas para serem transplantadas para o jardim em que crescem os sermões. Nada possibilitará melhor êsse processo do que o ato de decorar um texto, a fim de que se instale em nosso pensamento e constitua objeto de meditação sempre que houver oportunidade. Uma passagem que é guardada nos recessos de nossa mente torna-se alguma coisa que nos pertence, estando sempre disponível para contemplação, para ser examinada e devassada, para ser mastigada mentalmente e saboreada até desprender todo o seu sabor espiritual. Uma passagem decorada também pode ser apresentada ao Senhor em oração e colocada sob a tutela do Espírito Santo. Deus pode dar-nos a interpretação de Suas próprias palavras e torná-las infinitamente mais ricas do que nosso débil cérebro seria capaz de fazer.

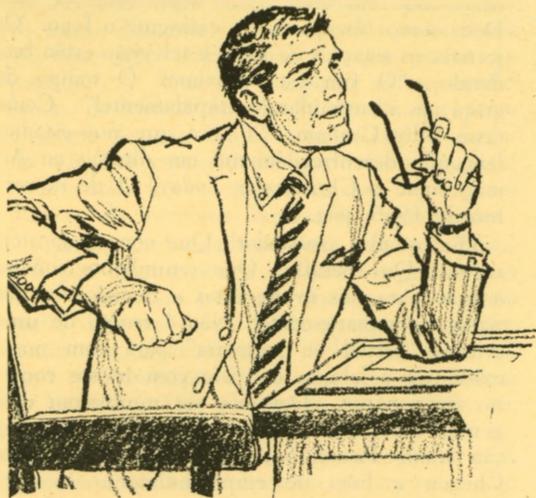
Finalmente, irmãos, coloquemos à disposição do Senhor nossas melhores aptidões mentais e espirituais quando estivermos estudando o que foi redigido por Êle. Apliquemos nosso pensamento mais profundo e elevado na contemplação da Palavra de Deus, pois ela merece o melhor que existe em nós. Dedicemos o máximo à compreensão do que é sublime, acalentando um "descontentamento divino" que sempre nos impelirá para a frente na senda da verdade. E em todo o nosso estudo, preservemos o senso da presença de Deus, tirando como que as sandálias dos pés, sabendo que os lugares sôbre que se basearem nossos pensamentos são terra santa.

Os Quatro "RR" do . . .

(Continuação da pág. 5)

nados, pretendem salvar o mundo com a dialética do materialismo. E nós, que conhecemos o poder redentor de Cristo, estamos trabalhando com o mesmo ardor, animados pelo desejo de levar às multidões que vivem dentro dos limites da Divisão Sul-Americana, a mensagem transformadora do Evangelho?

"Os campos estão brancos para a ceifa," disse o Senhor. Levantemo-nos nesta hora de crise e incerteza, e cumpramos com dedicação a obra que nos foi confiada!



O Desafio da Conclusão da Obra

2.^a Parte

ROBERTO H. PIERSON

Presidente da Associação Geral

Porque os Homens e as Mulheres Estão Perdidos

DEVEMOS atender à ordem do Salvador, de ir e pregar, porque há homens e mulheres, meninos e meninas, na fria noite do pecado, morrendo sem Deus e sem esperança. “Estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo” — disse Paulo em Efésios 2:12.

Visitei recentemente um antigo campo de concentração perto de Linz, Áustria. Penetraram ali mais de cem mil homens de diferentes nacionalidades, para nunca mais sair. Visitei as celas em que eles foram encarcerados sem auxílio, sem esperança. Estive nas câmaras torturárias onde as aflitas e indefesas pessoas eram submetidas a toda espécie de ultrajes e suplícios. Entrei na câmara de gás em que milhares de seres infelizes tiveram morte prematura, sem qualquer possibilidade de escape. Olhei para dentro dos rústicos fornos crematórios em que os corpos dessas vítimas de ódio e tortura eram finalmente reduzidos a cinzas. Que quadro cruel! E muitos deles, indubitavelmente, pereceram sem Deus e sem a esperança da manhã da ressurreição.

Em certo sentido, o pecador vive hoje num grande campo de concentração. O dia do juízo e de rigoroso acerto de contas virá inevitavelmente. “O salário do pecado é a morte” (Rom. 6:23), declara o apóstolo Paulo. Esta não é a morte natural pela qual todos podemos passar como resultado do pecado. Desta morte poderá haver uma gloriosa manhã de ressurreição — um dia de júbilo e reencontro para os que aceitaram a Cristo como Senhor e Salvador. Mas “o salário do pecado é a morte” — da qual não

haverá ressurreição. Ela é eterna separação de Deus. A maior parte do mundo é constituída de homens e mulheres sobre os quais pesa a sentença da morte eterna! Não se encontram somente nos países pagãos de além-mar. Milhares deles estão bem perto de nós aqui na América do Norte (e também na América do Sul). Alguém calculou que há mais de mil comunidades na América do Norte em que ainda não se estabeleceu a obra do Movimento Adventista. Que desafio para os dirigentes da igreja de Deus neste grande continente!

Em nossas igrejas há meninos e meninas, apóstatas e pessoas vacilantes que, se não forem fortalecidos e amparados, amanhã poderão tornar-se em dados estatísticos que assinalem afastamento da igreja. Que desafio evangelístico para cada pastor e evangelista! Repousa sobre cada um de nós a tremenda responsabilidade de dobrar os esforços para alcançar esses milhões de pessoas em nosso continente. “Se o atalaia vir que vem a espada, e não tocar a trombeta, e não fôr avisado o povo; se a espada vier, e abater uma vida dentre eles, êste foi abatido na sua iniquidade, mas o seu sangue demandarei do atalaia.” Ezeq. 33:6.

Paulo menciona que nossa responsabilidade no juízo vindouro deve compelir-nos a intensificar nosso empenho evangelístico nesta hora avançada: “E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens.” II Cor. 5:11.

Porque Temos Uma Mensagem de Vida

Havendo milhares de perdidos ao nosso redor, precisamos ampliar e avivar nossa arremetida evangelística, pois temos uma mensagem — uma mensagem de esperança centralizada em Cristo, que os salvará. O salário do pecado é a morte, mas a bendita promessa é que “o dom

gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rom. 6:23). Eis aqui esperança para os desesperançados, ajuda para os desamparados e salvação para o pecador mais degradado! Vida eterna — uma vida que se compara com a vida de Deus — pode tornar-se uma feliz realidade para toda alma que aceita a Cristo como Salvador, Senhor e exemplo diário.

Não importa até onde o transgressor tenha descido nas profundezas do pecado. Há auxílio e esperança, conforme afirmou verazmente o apóstolo Paulo: “Embora o pecado se mostre amplo e profundo, louvado seja Deus por Sua graça ser ainda mais ampla e profunda!” Rom. 5:20, versão inglesa de J. B. Phillips. Temos um Salvador que pode salvar totalmente.

Este é, irmãos, o âmago de nossa mensagem! É uma solene mensagem de advertência, mas é também uma admirável mensagem de amor e esperança que redime. Ousaremos deixar de proclamá-la com todo o poder que o Senhor nos concedeu? Isto constitui nosso dever inelutável e nosso glorioso privilégio. “O amor de Cristo nos constringe.” II Cor. 5:14.

Qual seria nossa reação se um médico recusasse ajudar uma pessoa extremamente enferma? Ou que impressão teríamos do bombeiro que visse uma pobre criança gritando por auxílio na janela do segundo andar de um prédio em chamas, e recusasse salvá-la da morte certa? *Precisamos* ir! *Precisamos* pregar! “O amor de Cristo nos constringe.” A imposição divina recai sobre nós. Custe o que custar, temos de atender à ordem de nosso Salvador. *Precisamos* ir! *Precisamos* pregar! Certamente temos de esquadrihar a alma “com referência às instruções de despedida que o Cristo ressurreto deu a Seus seguidores.”

Porque Não Há Tempo de Sobra

Finalmente, temos de ir quando Cristo ordena porque a hora em que vivemos está avançada — muito, muito avançada. O tempo é curto. Não há tempo de sobra. A porta da graça está-se fechando rapidamente. Jesus e Sua hoste angelical logo irromperá no céu oriental, com grande glória, em Sua segunda vinda. Se Billy Graham e as denominações evangélicas estão falando em “urgência,” “esta geração” e outros assuntos que denotam fé na breve volta de Jesus, quão mais urgente não deveria ser a pregação e a conduta dos... adventistas do sétimo dia, ao proclamar a mensagem profética que Deus nos outorgou!

Há guerra no Vietnã, intrigas e perturbações assolam a África, o ódio e a suspeita mantêm o Oriente Médio em constante agitação. Somos companheiros de jornada em meio a crises, perigos, temores e morte. Nosso mundo está-se

desfazendo em chamas ao nosso redor, e sem Deus somos incapazes de extinguir o fogo. Os jornais, as estações de rádio e televisão estão bradando: “O fim está próximo! O tempo da graça es á terminando rapidamente!” Como disse Billy Graham: “Parece que nos estamos lançando desenfreadamente em direção ao Armagedom.” — *Christianity Today*, 11 de novembro de 1966, pág. 4.

Que quadro assustador! Que concepção aterrador! Que desafio! Que retumbante convite à ação para nós evangelistas e demais obreiros na igreja remanescente! Não é tempo de uma atitude “casual ou rotineira” para com nossa existência e labuta, ou para com nossos contatos missionários. Devemos ser muitíssimo diligentes em proclamar esta mensagem na geração atual. Passou o tempo de falatório inútil. Chegou a hora de empreendimento e ação! Como ousaremos ser ociosos, se o mundo ao nosso redor está em chamas?

Revoluções, Não Resoluções

Foi-se o tempo de meras resoluções. Nossos arquivos de escritório estão repletos de decisões muito bem redigidas, que se cobriram de mófo, por falta de uso. Foi-se o tempo de *resoluções*! Os dias atuais exigem *revoluções* — revoluções de graça e poder em nossa própria vida. Revoluções de planejamento e atividade de chuva serôdia em cada Divisão, União, Associação, Missão, igreja e lar adventista — sim, em cada *persona* adventista ao redor do mundo. *Hoje e agora* é tempo para dar vida às resoluções de ontem. Os povos do mundo têm experimentado o socialismo, o capitalismo e o comunismo. Agora é o tempo de experimentarem o adventismo. Temos a responsabilidade, sob o poder do Espírito Santo, de persuadir o maior número possível de pessoas a fazer exatamente isso: aceitar e viver esta verdade.

Uma Reação Irresistível

Esta é, irmãos, a urgente mensagem que tem sido anunciada ao redor do mundo. A reação tem sido extraordinária. Ainda recebo muitas cartas cada semana de todas as partes do mundo, asseverando que os dirigentes de Divisões, União, Associações e igrejas locais estão aceitando o repto. Escreveu alguém: “O apêlo do Concílio Outonal inflamou nosso povo nas Ilhas Filipinas.” Outro exclama com júbilo: “O espírito de avivamento está-se apoderando de nossa União, e creio que veremos coisas maravilhosas neste ano.”

Um dos oficiais da Associação Geral, que estava de visita a uma Divisão de além-mar, escreveu-me o seguinte: “O pessoal deste Cam-

po está inflamado com o evangelismo.” Escreve outro dirigente: “Esta Divisão estabeleceu um alvo três vèzes maior do que jamais no passado. . . . Um nôvo espírito está-se apoderando de nossos obreiros.” Ainda um outro dirigente de uma Divisão menor escreve dizendo que sua comissão crê que não pode fazer menos nesta hora avançada do que *triplicar* seu número de membros durante êste quadriênio.

Aprecio profundamente esta notável dedicação que inspira nossos dirigentes a estabelecer alvos assim, mas conforme lhes escrevi e como tenho dito em quase tôdas as reuniões importantes nos últimos meses, “Não há plano algum na Associação Geral para apressar pessoas ao batismo.” Há, porém, de modo muito decisivo, um plano na Associação Geral que desafia cada departamento, cada obreiro e cada membro a tornar a conquista de almas a principal obra em seu programa. Se todos fizermos nossa parte, sem dúvida seguir-se-á o batismo de pessoas sólidamente preparadas.

Creio na fixação de alvos. Creio que isto inspira tanto os obreiros como os membros, levando-os a labutar com vistas a algum objetivo definido. Os alvos mantêm o programa constantemente diante de nosso povo, mas não devemos impelir precipitadamente ao batismo as pessoas que não estiverem preparadas para isso. Nosso alvo é, e deve ser, não apenas introduzir homens e mulheres na igreja, mas introduzi-los no reino. O objetivo de nossos dirigentes em Washington é ver a obra de Deus terminada *em brevel!*

O Pastor Carcich, que juntamente com o Pastor Dower e a Associação Ministerial está orientando esta arremetida evangelístico-mundial, telefonou-me algum tempo atrás transmitindo a agradável notícia de que trinta dos componentes da diretoria da Associação Geral se comprometeram a dirigir pelo menos uma campanha evangelística em 1967! Nós, os líderes da Associação Geral, esperamos realizar primeiro séries de conferências aqui na América do Norte, e em 1968 pretendemos fazer o mesmo em outros países.

Há Necessidade de Obreiros Repletos do Espírito Santo

Deparamos com uma tarefa gigantesca — e com a preciosa e ínfima quantidade que sòmente nós podemos apresentar para sua realização. Não podemos dar de nossa abundância pessoal. Conforme disse alguém: “Evangelismo é como um mendigo contando a outro mendigo onde encontrar alimento. Não oferecemos de nossa munificência, mas somos simplesmente participantes da mesa do Mestre, e como obreiros necessitados convidamos outros a vir.” Todos

precisamos desesperadamente de auxílio — AGORA!

Há apenas uma dádiva que Deus pode conceder-nos numa hora decisiva e culminante como esta. É a mesma dádiva que Ele outorgou à igreja primitiva. A igreja apostólica cumpriu a tarefa que lhes foi confiada, porque tiveram o Pentecostes!

Desceram as línguas de fogo. O poder do Espírito Santo pousou sôbre êles. Êles avançaram como transformados e reavivados obreiros de Cristo, e abalaram o mundo com sua pregação.

Poderemos fazer o mesmo hoje se tivermos o mesmo poder! Mas nada menos do que o poder do Espírito Santo em nossa vida e em nossa igreja conseguirá efetuar a tarefa. O preço dêsse poder é tudo o que temos ou somos — completa consagração. Não deve haver lealdade dividida — tudo tem de ser dedicado a Cristo! Irmãos, com a ajuda divina, paguemos o preço, recebamos o poder e terminemos a obra!

Apêlo para Dedicação ao Senhor

OS delegados de tôdas as partes do mundo, reunidos no Concílio Outonal, fizeram de todo o coração a seguinte entrega a Deus:

Crendo firmemente que a vinda do Senhor está próxima e reconhecendo a magnitude do repto que nos é lançado, reafirmo minha fé no caráter duradouro e na certeza de nossa mensagem, e em seu triunfo final.

Aceito novamente, e com maior dedicação, o convite para avivamento, reforma e evangelização; e com êste objetivo, entrego-me ao Senhor.

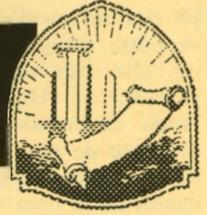
Pela graça de Deus:

Dedicarei cada dia algum tempo à contemplação da vida de Cristo, abrindo assim o meu coração a Sua presença divina.

Serei fiel testemunha de meu Senhor, partilhando assim com meus amigos, vizinhos e todos os que me rodeiam, a beleza de Sua verdade salvadora e de Seu poder mantenedor.

Procurarei atrair muitos outros para unirem-se comigo nesta experiência e testemunho.

Os ministros e membros adventistas são convidados a participar desta nova dedicação aos reclamos do momento atual.



Possuímos Informações Inspiradas Sobre a IDADE DA TERRA?

FRANK LEWIS MARSH

Lente de Biologia na Andrews University

O PROBLEMA da idade das substâncias químicas de nossa Terra interessa profunda e indiretamente aos teólogos, e sua solução é de importância fundamental para o cientista cristão que luta na vanguarda do conflito entre a criação especial e a evolução. O estudante que crê ser a Bíblia a inspirada Palavra de Deus, de Gênesis 1:1 a Apocalipse 22:21, volve-se naturalmente para êste Manual de Orientação a fim de verificar se êle contém alguma luz sobre a idade das matérias-primas da Terra.

Um Grande Acontecimento

Menos de três séculos atrás era opinião dos teólogos e dos cientistas cristãos que a Bíblia afirmava claramente que a nossa Terra como corpo astronômico, em sua superfície como em tudo o mais, tinha apenas alguns milhares de anos. Gênesis 1:1 e 2 e Êxodo 20:11 eram textos peculiares, citados como prova bíblica para êste fato natural. Na verdade, de modo bastante razoável e em harmonia com a boa exegese, o "princípio" mencionado em Gênesis 1:1-5, quando foram criadas as matérias-primas, era o primeiro dia da semana da Criação quando também foi criada a substância luz, o primeiro de uma série de seis dias de vinte e quatro horas durante os quais foi realizada a obra cuja lembrança, segundo nos é declarado no quarto mandamento, constituía uma das razões para a santificação do sétimo dia. "No princípio" foram criados os céus e a Terra, e "no princípio" Deus criou o homem e a mulher (S. Mateus 19:4). Podemos crer portanto que a Terra (Gên. 1:1 e 2), o sistema solar (cap. 1:1 e 14-19) e o homem (cap. 1:26 e 27; S. Mat. 19:4) foram todos trazidos à exis-

tência num grande acontecimento que é comemorado pelo sábado. Antigos cristãos baseavam-se e confortavam-se nesta clara revelação especial de verdade natural.

Sucedeu então que o desejo do homem de confiar mais no testemunho de seus sentidos físicos e em sua razão, do que na revelação especial, resultou num célere alastramento do uniformitarismo. Os grandes períodos de tempo que a doutrina uniformitarista parecia indicar foram aproveitados de bom grado pelos evolucionistas. Os milhares de anos da cronologia bíblica foram permutados pelos milhões de anos admitidos pelo evolucionismo. Muitos teístas que criam na Bíblia ficaram tão impressionados com o maravilhoso progresso da ciência natural e de seus concomitantes benefícios para o homem, que inferiram estarem certos os cientistas ao teorizar que formas de vida tão complicadas como as trilobitas e os braquiópodes se achavam na Terra pelo menos 600 milhões de anos atrás. A literal semana solar de Gênesis 1 e 2 foi trocada por extensos períodos geológicos. A cronologia bíblica foi taxada de "antiquada" e a significação do sábado decresceu a um ponto extremamente baixo. O culto à ciência ou o cientismo tornou-se a religião de cada vez maior número de pessoas.

Sob o constante bombardeio da alta crítica destrutiva e sob as alegações dos físicos de que os medidores radioativos provavam que os materiais da Terra têm mesmo bilhões de anos de idade, cada vez mais pesquisadores da Bíblia começaram a sugerir que Gênesis 1:1 e 2 e Êxodo 20:11 não eram realmente tão explícitos com respeito à idade da substância da Terra como se cogitava anteriormente.

Determinação Radioativa

É provável que a suposição de que a palavra "Terra" na Bíblia só se refere à superfície de nosso planeta dê tanto apoio e conforto à causa da evolução teísta como qualquer outro item da apologética moderna. Este ponto de vista proporciona aos que se estribam fortemente no naturalismo a oportunidade de deixar a imaginação vagar ilimitadamente nos setores do desenvolvimento natural, e conjecturar o que pode ter ocorrido "naturalmente" em nossa Terra, antes do primeiro dia. Semelhante especulação quase sempre enfraquece o significado das verdadeiras realizações da semana literal da Criação e abre a porta para a aceitação do evolucionismo. Este ponto de vista restrito é comumente adotado pelos crentes na Bíblia que julgam ser preciso aceitar as avaliações dos medidores radioativos como concludente verdade natural. A consequência lógica dessa crença é o desvanecimento da fé numa semana literal da Criação. A validade desta suposta limitação no uso da palavra "Terra" nas Escrituras é colocada em dúvida pelo fato de que os substantivos comuns na Bíblia são freqüentemente propensos a mais de uma aplicação. Isto é muito bem ilustrado em Gênesis 1 e 2, pelo emprêgo de *yom*, dia. Em Gênesis 1:5, por exemplo, o vocábulo "dia" é usado para indicar uma duração tanto de doze como de vinte e quatro horas, e em Gênesis 2:4 êle é usado para indicar uma duração de pelo menos seis dias. Além disso, a palavra "dia" é empregada na profecia para representar um ano, como por exemplo os 2.300 dias.

Como ilustração de um caso em que a palavra *Terra* obviamente não se refere apenas à superfície de nosso planeta, sugerimos Gênesis 1:1 e 2. À luz do quarto mandamento isto diz respeito ao início da Terra: "Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar [as matérias-primas da Terra como corpo astronômico] e tudo o que nêles há [as formas vivas]." Com efeito, não ousamos ser dogmáticos aqui, dizendo que o vocábulo "Terra" em Gênesis 1:1 e 2 se refere somente a uma superfície. É pelo menos tão válido assim considerar a frase descritiva "sem forma e vazia" como aplicável a um corpo astronômico — o corpo astronômico que é descrito em Êxodo 20:11. Lemos em Jó 26:7: "Êle ... faz pairar a Terra sobre o nada," e em Isaías 13:13: "A Terra será sacudida do seu lugar."

Nestes textos evidentemente se faz alusão a alguma coisa mais do que a superfície da Terra. Lemos também em II S. Pedro 3:10 e 12: "E a Terra, e as obras que nela há, se queima-

rão." Evidencia-se que este fogo tem o objetivo de destruir todos os efeitos do pecado. Grandes terremotos (que são consequência indireta do pecado) *centralizam-se* não raro a profundidades superiores a 700 quilômetros. Acaso não é razoável crer que estes versículos nos dizem que *tôda* esta velha Terra será purificada, e não somente a sua superfície?

Permanecer Ousadamente na Plataforma Bíblica

Em relação com isto, seria bom lembrar que Deus tem sido muito providente para com os adventistas, concedendo-lhes o Espírito de Profecia para iluminação de asserções bíblicas. E nesta própria época de conflito com a evolução, exatamente quando precisamos estar seguros deste fato, tenho a opinião de que Êle nos disse com clareza que os materiais de nossa Terra não existiam antes do primeiro dia. Lemos: "Quando foram postos os fundamentos da Terra [não apenas a sua superfície] ... foi então lançado o fundamento do sábado." — *O Conflito dos Séculos*, (nova edição revista), pág. 492. "A instituição do sábado, que se originou no Éden, é tão antiga como o próprio mundo." — *Patriarcas e Profetas*, (2.^a ed.), pág. 348.

Sem dúvida estas palavras da mensageira de Deus concernentes ao tempo ou origem da substância da Terra estão em completa harmonia com Gênesis 1:1 e 2 e Êxodo 20:11. Os adventistas podem permanecer ousada e firmemente na plataforma bíblica de que nada em nosso sistema solar tem mais do que alguns milhares de anos. Este ponto de vista não confere tempo para vagaroso desenvolvimento por processos naturais, e não oferece qualquer base para narrativas ingênuas que circulam entre nós com referência a "acontecimentos que ocorram na Terra antes da semana da Criação." Que bênção e tranquilidade mental desfruta em nossos dias aquele que pelos olhos da fé enxerga este ponto com a mesma clareza que os santos de outrora!

Seguramente, na boa exegese bíblica, para compreender o ensino da Palavra sobre qualquer ponto, deve-se levar em consideração tôdas as partes das Escrituras que se relacionam com êle. Admitamos por um momento que acreditemos não fazer a Bíblia qualquer declaração no tocante à idade das substâncias químicas de nosso planeta e que essa omissão nos autorize a manter a opinião de que as matérias-primas da Terra foram trazidas à existência antes do pri-

(Continua na pág. 24)

O que os Adventistas têm Ensinado Sobre o ARMAGEDOM

O ASSUNTO do Armagedom e o Rei do Norte sempre tem sido de especial interesse para os que estudam a Bíblia. Isto é verdade principalmente entre os adventistas do sétimo dia. Recentes ocorrências no Oriente Médio trouxeram novamente o assunto à baila. É interessante e útil delinear as várias crenças que foram mantidas sobre este assunto no transcurso da história de nosso Movimento. O estudo da literatura denominacional revela acentuadas diferenças de opinião. Essas diferenças remontam aos primeiros tempos de nossa igreja, e antes até.

A história do desenvolvimento deste ensino foi traçada pormenorizadamente numa obra intitulada "Development of Seventh-day Adventist Teaching on Armageddon." Neste artigo o material foi reduzido para apresentar uma exposição geral do desenvolvimento deste ensino, sem oferecer provas documentárias para as conclusões a que se chegou.

Quatro Períodos

O desenvolvimento de nosso ensino sobre o Armagedom e o Rei do Norte, que comumente tem sido relacionado com ele, pode ser considerado como estando dividido imperfeitamente em quatro períodos, com três etapas de transição entre eles.

Durante o primeiro período, que se estendeu mais ou menos de 1846 a 1871, os adventistas do sétimo dia entendiam que o Papado era o rei do Norte e que o Armagedom era a luta culminante entre as forças de Cristo e as de Satanás por ocasião do Segundo Advento.

O segundo período começou por volta de 1871 e terminou mais ou menos em 1903. Em 1871 foi apresentada a interpretação de que a Turquia, e não o Papado, era o rei do Norte, e afirmava-se que o Armagedom, o qual foi agora vinculado com ele, era uma peleja das nações reunidas na Palestina contra Cristo, sob a sétima praga. Os anos entre 1871 e 1881 foram anos de transição.

O terceiro período começou aproximadamente em 1903 e terminou por volta de 1952. A principal diferença entre este período e o que o precedeu consistia na idéia de que o Armage-

dom era um gigantesco combate militar entre as nações do mundo reunidas na Palestina. A parte de Cristo neste ponto de vista sobre o Armagedom foi grandemente reduzida. Os anos entre 1886 e 1912 foram anos de transição.

O quarto período começou por volta de 1952 e continua até o presente. Durante este período tem havido um retorno parcial a muitos pontos fundamentais do primeiro período. Afirma-se em geral que o Papado é o rei do Norte, e o Armagedom é interpretado como sendo fundamentalmente a luta culminante entre as forças de Cristo e as de Satanás, no fim do tempo. Os anos entre 1924 e 1952 foram anos de transição.

Fatores Influentes

Os adventistas do sétimo dia remontam sua origem ao movimento milerita da década de 1830 e início da década de 1840. Como todo adventista sabe, o ponto especial de ênfase do movimento milerita em suas etapas finais era a vinda literal e visível do Senhor em 22 de outubro de 1844. Esta crença baseava-se na profecia dos 2.300 dias de Daniel 8:14.

O milerismo compunha-se principalmente de protestantes norte-americanos; por conseguinte, não é de admirar que em questões de menor importância os mileritas adotassem simplesmente o ponto de vista protestante que predominava neste sentido. O Armagedom não era um assunto muito importante. Só entrava em consideração quando se achava que tivesse alguma relação com o Segundo Advento.

A predominante opinião protestante a respeito das sete últimas pragas de Apocalipse 16 era que cinco delas já haviam caído, a sexta estava cumprindo e só a sétima se achava ainda no futuro. Quanto aos símbolos de Apocalipse 16: 12-16, a maioria dos comentaristas protestantes asseveravam que o Eufrates representava a Turquia ou o maometismo. Havia pouca unanimidade de opinião acerca da interpretação dos outros símbolos desta passagem.

Em harmonia com o principal ponto de vista protestante sobre Apocalipse 16, Guilherme Miller, dirigente do movimento que recebeu o seu nome, ensinava antes de 1840 que cinco

E O REI DO NORTE

das pragas tinham caído, a sexta estava caindo e a sétima seria derramada por volta de 1840.

Miller pouco tinha a dizer sobre os reis do Oriente. Quanto aos símbolos restantes de Apocalipse 16:12-16, ele ensinava que ao secar-se (deixar de existir) o Eufrates (o poder turco), três execráveis princípios políticos (os três espíritos imundos) sairiam dos reis da Terra (o dragão), do Papado (a besta) e do maometismo (o falso profeta) para congregar todas as nações e todo o povo (os reis da Terra e do mundo todo) para o Armagedom. Este abrangeria tanto o conflito político como o religioso e seria travado principalmente nos Estados Unidos. Miller parece ter acreditado que enquanto o Armagedom estivesse em andamento, Cristo viria para derrotar Seus inimigos e separar os ímpios e os justos.

Miller não relacionou a profecia de Apocalipse 16:12-16 com a profecia de Daniel 11:45 a respeito do fim do rei do Norte, pois ele entendia que o rei do Norte era o Papado, ao passo que o Eufrates de Apocalipse 16 era o poder otomano.

Miller modificou pelo menos duas vezes seu ponto de vista quanto ao Armagedom: uma em 1840 e outra em 1844. Entretanto, parece que a maioria de seus seguidores manteve o ponto de vista original, pelo motivo de que talvez recebesse mais publicidade do que os seus pontos de vista posteriores.

Não obstante, nem todos os mileritas acompanharam a Miller em sua interpretação de Apocalipse 16. O mais ilustre entre os que diferiam dele era Josias Litch, o qual afirmava que todas as sete últimas pragas seriam derramadas após o Segundo Advento. Ele acreditava que na Segunda Vinda os santos seriam levados para o mar de vidro em que Cristo organizaria Seu reino. Enquanto isso, as sete últimas pragas estariam caindo sobre os ímpios. Sob a sexta praga, o Eufrates secar-se-ia literalmente a fim de preparar o caminho para os reis do mundo oriental. Depois disto, as hostes de Satanás (os reis da Terra e do mundo todo) seriam reunidos em Jerusalém e na Palestina pelos três espíritos imundos — procedentes do maometismo

(o dragão), do Papado (a besta) e do ateísmo (o falso profeta) — com o objetivo de batalhar contra o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Neste ponto Cristo viria com todos os Seus santos para expulsar de Jerusalém os ímpios.

Quando passou o dia 22 de outubro de 1844 e Cristo não voltou, conforme esperavam os mileritas, o movimento se fragmentou em diversas partes. Um dos menores fragmentos transformou-se mais tarde na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O assunto do Armagedom não tinha capital importância para os primeiros dirigentes adventistas do sétimo dia; eles preocupavam-se mais com o delineamento das pragas. No início de 1846, provavelmente como resultado das visões de Ellen Harmon, Tiago White adotou o ponto de vista de que todas as sete últimas pragas estavam no futuro, mas ocorreriam antes do Segundo Advento. Esta opinião diferia consideravelmente das idéias defendidas por Miller e Litch. Os adventistas do sétimo dia têm-se apegado a este ponto de vista através dos anos, sem levar em conta as suas idéias peculiares quanto ao Armagedom e o rei do Norte.

Em março de 1848 ocorreu algo tendente a influenciar nosso ensino sobre o Armagedom. Foi o despontar do espiritismo moderno em Hydesville, Nova York. Aproximadamente um ano depois que o espiritismo fez sua estréia moderna, foi mostrado a Ellen G. White, numa visão, que as misteriosas batidas em Nova York eram de origem satânica e se tornariam cada vez mais comuns. Não muito depois disto, Jorge W. Holt, um ex-ministro milerita de Connecticut que se tornara adventista do sétimo dia, identificou os espíritos do espiritismo como sendo os espíritos de demônios de Apocalipse 16:13-16.

Mas surgiu então a pergunta: Se os espíritos do espiritismo estão cumprindo agora os eventos da sexta praga, como se poderá dizer que as pragas se acham todas no futuro? Urias Smith, então um jovem ligado à publicação da *Review and Herald*, deu a resposta que se tornaria nossa réplica-padrão a esse ponto. Ele declarou que a obra atual do espiritismo é prepa-

ratória, e que antes de os espíritos de demônios alcançarem tão absoluto poder sobre os ímpios que cheguem a induzi-los a batalhar contra Deus, êles terão de avançar entre as nações.

O Período Inicial

Nos primeiros anos de nosso movimento a maioria dos adventistas do sétimo dia acreditavam evidentemente que o Eufrates de Apocalipse 16:12 referia-se ao rio literal com esse nome. Êles criam que aquêle rio secar-se-ia literalmente por ocasião da sexta praga. Esta, naturalmente, era a opinião de Litch. Em 1857 Urias Smith expôs o conceito de que o Eufrates representa o país em que corre esse rio, que naquele tempo era o Império Otomano. Parece que este ponto de vista logo foi aceito pela maioria dos adventistas do sétimo dia, se não por todos êles. Êle introduziu também nessa ocasião a idéia de que as nações se reuniriam na Palestina sob a sexta praga, após a posse da Terra Santa; mas, ao que parece, êle não foi acompanhado naquele tempo por todos os adventistas do sétimo dia, neste ponto de vista particular.

Quanto aos outros ensinamentos relacionados com o Armagedom e o rei do Norte, parece ter havido geral unanimidade de opinião durante o período inicial. Assim, a bem dizer todos os adventistas do sétimo dia admitiam que o dragão representava o paganismo; a bêsta, o catolicismo; o falso profeta, o protestantismo apostatado. Asseverava-se que a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso, ou o Armagedom, era o choque culminante entre as forças do bem e as do mal, ou entre Cristo e Satanás, no Segundo Advento. No tocante à identidade do rei do Norte, a idéia corrente era que êle representava o Papado.

A Primeira Transição

Em 1867 foi publicado o livro de Urias Smith, *Thoughts, Critical and Practical, on the Book of Revelation*. Êste livro divulgou entre os adventistas do sétimo dia o ponto de vista sobre o Armagedom que Smith enunciara pela primeira vez em 1857. No início de 1869 êle começou uma série de artigos na *Review and Herald*, que posteriormente se transformaram no livro *Thoughts, Critical and Practical, on the Book of Daniel*. No fim de 1870 e início de 1871, enquanto Smith evidentemente estudava e preparava seus artigos sobre o décimo primeiro capítulo de Daniel, êle começou a revelar certa ambivalência no tocante à identificação do último poder desse capítulo — o rei do Norte. Seus escritos revelam incerteza a respeito de se esse poder é o Papado, como êle afirmara antes, ou a Turquia. A partir desse

tempo, segundo suas próprias palavras, Smith começou a "procurar eventos significativos nessa região," e a fazer predições no sentido de que o fim da Turquia estava iminente. Junto com isso êle ensinava que quando a Turquia chegasse ao fim, Miguel Se levantaria; isto é, fechar-se-ia a porta da graça e Cristo viria logo após.

Estas predições inquietaram a Tiago White. Parece que devido a haver passado pelo desapontamento de 1844, êle era cauteloso com a questão de fazer predições minuciosas de eventos futuros baseados em profecias ainda não cumpridas, e recomendava que os outros também agissem com cautela. Quando Smith continuou a fazer predições a respeito do iminente fim da Turquia, tornou-se inevitável um choque entre os dois líderes.

Divergência Quanto ao Rei do Norte

Em 1877 rebentou a guerra entre a Turquia e a Rússia. No fim do verão daquele ano Smith pregou sobre a questão oriental numa reunião freqüentada por Tiago e Ellen White. Talvez como resultado deste sermão, Tiago White escreveu um editorial no número de 15 de novembro de 1877 da revista *Signs of the Times* (reimpresso na *Review and Herald* de 27 de novembro de 1877), no qual êle outra vez recomendava cautela por parte dos que manifestavam tanta positividade acerca da questão oriental. Mas Smith continuou a fazer predições concernentes à proximidade do fim da Turquia, e em junho de 1878 chegou até a expressar a opinião de que "atingimos os movimentos preliminares da grande batalha do Armagedom" (*Review and Herald*, 6 de junho de 1878, pág. 180). O choque inevitável entre os dois líderes ocorreu durante a reunião campal que precedeu à assembléia da Associação Geral realizada em Battle Creek, Michigan.

Conforme testemunhas presentes à reunião campal, Urias Smith falou numa das sessões iniciais sobre a questão oriental, expressando outra vez a opinião de que a guerra entre a Rússia e a Turquia, que então estava em andamento, poderia transformar-se no Armagedom. Quando Smith terminou seu discurso, Tiago White falou durante setenta minutos, refutando publicamente o ponto de vista de Smith. A essência da argumentação do Pastor White era a seguinte: Se Daniel 2, 7 e 8 terminam com a destruição de Roma pagã e papal, e a primeira parte de Daniel 11 recapitula os capítulos 2, 7 e 8, então o último poder de Daniel 11 deve ser Roma pagã e papal, e não a Turquia.

A primeira parte da refutação de Tiago

(Continua na pág. 22)

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Antíoco Epifânio e as Especificações Proféticas de Daniel

(Conclusão)

7. A OPINIÃO ADVENTISTA A RESPEITO DOS QUATRO IMPÉRIOS DE DANIEL 2 e 7. — Os adventistas do sétimo dia mantêm o ponto de vista de que Roma é o quarto império de Daniel, e rejeitam a opinião de que este império é a Grécia. O império babilônico do tempo de Daniel foi derrotado pelo império medo-persa, e não simplesmente pelos medos ou persas sôzinhos (Daniel 7:5 e 17; 8:20). E o reino medo-persa, por sua vez, foi suplantado pela "Grécia" (Dan. 8:21). Portanto, o império de Alexandre, que conquistou a Pérsia, foi o *terceiro*, e não o quarto da série. E o império de Alexandre e suas quatro divisões constituía um só império grego, conforme foi explicado. Por isso, o próximo poder mundial, que se apoderou do domínio do império macedônico de Alexandre — Roma — devia ser o *quarto* em autêntica sucessão. Isto é admitido pela maioria dos defensores atuais do ponto de vista referente à Grécia, mas eles citam este fato como evidência de que a profecia não foi escrita por Daniel mas por um escritor posterior, do tempo dos macabeus, que não conhecia a sua história! Os adventistas do sétimo dia creem que a sucessão dos reinos de Daniel não era inexacta. Visto que Roma foi realmente o quarto império na seqüência histórica, afirmamos que ela ocupou também o quarto lugar na série de Daniel.

Creemos que a ponta pequena de Daniel 7 é o Papado — como ensinaram antes de nós a maioria dos eruditos da pré-Reforma, da Reforma, da pós-Reforma e dos historicistas bíblicos posteriores, inclusive os pré-milenialistas do início do século XIX. Este poder surgiu no tempo designado, isto é, depois da desintegração do quarto império, Roma; surgiu nas circunstâncias especificadas, isto é, entre os reinos divididos

que se apoderaram do território romano; êle era "diferente" dos demais, por ser um poder político-religioso, com o qual não houve semelhança antes ou depois; sua ascensão esteve relacionada com a sujeição de alguns reinos arianos; êle tornou-se "mais robusto" do que os outros, pois tornou-se herdeiro da centralizada autoridade romana que acabou dominando os reinos fracos e fortes ao seu redor; caracterizou-se pela autoridade de um homem — o papa — que falava com insolência, pretendendo ser na Terra o representante e porta-voz do Altíssimo; êle guerreou contra os santos e prevaleceu contra eles em perseguições mais acerbadas e prolongadas do que haviam sido feitas por Roma pagã; considerou-se habilitado para mudar os tempos e as leis do Altíssimo, colocando as suas tradições e autoridade absoluta acima da Bíblia; sua história harmoniza-se perfeitamente com um período simbólico de três anos e meio proféticos ou simbólicos — 1.260 dias-anos; êle se estende até os últimos dias, quando terá de prestar contas de suas grandes palavras e ações contra a verdade e o povo de Deus. Seu caráter e história correspondem também a outros símbolos proféticos referentes a um grande poder apóstata, e a evidência cumulativa é irresistível no sentido de que o sucessor e continuador do quarto império, Roma, é o poder político-religioso do Papado.* Apresentar provas bíblicas e históricas, mostrar como êle cumpre minuciosamente as especificações proféticas, exigiria outra seção completa, que foge à finalidade desta obra.

8. OPINIÃO ADVENTISTA SÔBRE A PROFECIA ANÁLOGA, DE DANIEL 8. — Os adventistas do sétimo dia afirmam que as quatro profecias de Daniel 2, 7, 8 e 9, e 11 são em grande parte análogas, isto é, as últimas voltam atrás, repassando e abrangendo o mes-

O que os Adventistas Têm . . .

(Continuação da pág. 20)

mo terreno, dando porém ênfase a diversos aspectos no transcurso dos séculos e dos impérios — do mesmo modo que os quatro Evangelhos realçam as diversas facetas da incomparável vida de Cristo nosso Senhor. Para obter, porém, um quadro completo, cada uma delas deve ser lida e interpretada à luz das outras.

A seqüência dos impérios mundiais de Daniel 2, 7, 8 e 11, de acôrdo com a própria índole da questão, deve ser a mesma — com a exceção de que nos capítulos 8 e 11 é omitido o primeiro império, Babilônia. Por conseguinte, Daniel 7 e 8 são profecias correlativas, abrangendo o mesmo terreno, exceto o ponto de partida mais avançado de Daniel 8, que começa com a “Média e Pérsia” (verso 20), que é seguida pela “Grécia” (verso 21), com suas quatro divisões (verso 22). Estas, por sua vez, foram seguidas pela ponta pequena que se tornou muito forte (verso 9) e é evidentemente a próxima grande potência mundial. Esse império foi Roma, que se levantou contra o Príncipe do exército, o Príncipe dos príncipes, tirou os sacrifícios e lançou o santuário por terra (versos 11, 12 e 25). Em seu duplo aspecto — primeiro imperial e depois papal — Roma tornou-se muito forte, perseguiu o “povo santo” (verso 24) — os santos — estabeleceu um sacrifício falso em lugar do verdadeiro, lançou a verdade por terra e prosperou no que fêz. Continuará até o fim, quando será quebrada “sem esforço de mãos humanas” (verso 25). O cumprimento das especificações tanto por parte da fase pagã como da fase papal de Roma equipara a *ponta* de Daniel 8 ao quarto *animal* de Daniel 7 e a sua *ponta pequena* — o *Império Romano* com suas dez divisões e sua continuação no Papado, o reino “diferente” que surgiu entre as divisões de Roma, blasfemou contra Deus e Suas leis, perseguiu os santos e será recompensado no juízo de acôrdo com as suas obras.

A História dá testemunho da continuidade de Roma no Papado:

“Dentre as ruínas políticas de Roma, surgiu o grande Império moral na ‘forma gigantesca’ da Igreja Romana.” — A. C. Flick, *The Rise of the Mediaeval Church* (1909), pág. 150.

“Todos e quaisquer elementos que os bárbaros e arianos deixaram permanecer nas províncias . . . foram . . . colocados sob a proteção do Bispo de Roma, que era o principal personagem após o desaparecimento do imperador. . . Deste modo a Igreja Romana introduziu-se furtivamente em lugar do Império Mundial de Roma, do qual ela é a autêntica continuação; o império não pereceu, mas passou apenas por uma transformação. Se declararmos . . . que a Igreja Romana é o antigo Império Romano consagrado pelo Evangelho, isto não é uma simples ‘observação sagaz,’ mas o reconhecimento do verdadeiro sentido da questão no âmbito histórico, e a maneira mais apropriada e proveitosa para descrever o caráter desta Igreja. Ela ainda governa as nações. . . É uma instituição política tão imponente quanto um império mundial, por ser a continuação do Império Romano. O papa, que diz ser ‘Rei’ e ‘Sumo Pontífice,’ é o sucessor de César.” — Adolfo Harnack, *What is Christianity?* (1903), págs. 269 e 270.

White apareceu na *Review and Herald* de 3 de outubro de 1878, e devia ter continuado, mas parou por ali. Por quê? W. C. White, filho de Tiago e Ellen White, menciona que um dia ou dois após a reunião em que Smith e White falaram, Ellen G. White teve uma visão na qual lhe foi mostrado que seu marido errou em discordar publicamente de Urias Smith. Depois da visão ela relatou ao espôso o que lhe fôra mostrado. Tiago White aceitou a repreensão e interrompeu sua série de artigos. Ao censurar seu marido, a Sr.^a White não tentou resolver a questão da identidade do rei do Norte. Na verdade o assunto não é esclarecido de forma alguma em seus escritos.

(Continuará no próximo número.)

Creemos portanto que a “ponta pequena” de Daniel 7 é o Papado; mas a ponta “muito forte” de Daniel 8, segundo a nossa compreensão, abrange tanto *Roma pagã* como *papal*, existindo tanto nos períodos A. C. como A. D. O único poder que veio depois da “Grécia” e permanece até ser “quebrado sem esforço de mãos humanas” é Roma em suas formas pagã e papal.

O Motivo Por Que Rejeitamos a Interpretação Referente a Antioco Epifânio

Em resumo, rejeitamos a interpretação referente a Antioco Epifânio porque:

1. Ela não corresponde às especificações da profecia.
2. Foi propagada como tentativa pagã para refutar a profecia e depreciar assim a religião cristã, mostrando que o livro de Daniel foi escrito após as ocorrências que parecia predizer.
3. O dedo da profecia aponta mais exatamente para a grande apostasia romana, o Papado, como o poderoso Anticristo que lança a verdade por terra, destrói os santos do Altíssimo e continua até o tempo do fim.

Rejeitamos pois a Antioco como cumprimento inadequado de Daniel 7 e 8, e aceitamos a clássica interpretação protestante que oferece apropriado cumprimento na História. — *Questions on Doctrine*, págs. 333 a 338.

* Esta interpretação profética não justifica a acusação de que seus defensores sejam anticatólicos. Não recusamos dar crédito a qualquer bem que tenha sido feito pelos católicos, nem desprezamos a sinceridade de fervorosos católicos individuais, por achar que esse sistema é condenado nas Escrituras. Respeitamos a liberdade de todo católico para adorar a Deus como julgar melhor; e prevalecemo-nos do direito de indicar o que nos parece errado e procurar persuadir os homens a aceitar o que cremos ser verdade, sem preconceito ou fanatismo.

Um Conceito mais Amplo a Respeito da Expição

Pergunta 29

Os adventistas do sétimo dia são acusados freqüentemente de ensinar que a expiação não foi completada na cruz. Essa acusação é verdadeira?

A RESPOSTA a esta pergunta depende da definição dada ao vocábulo "expição." E ta palavra ocorre apenas uma vez no Nôvo Testamento (Rom. 5:11, em inglês), e é a tradução de *katallage*, que significa "reconciliação," conforme é vertida em outros lugares (Rom. 11:15; II Cor. 5:18 e 19). O verbo *katallasso* ocorre seis vêzes, e sempre é traduzido por "reconciliar" (Rom. 5:10; I Cor. 7:11; II Cor. 5:18-20). *Katallage* também deveria ser traduzido por "reconciliação" em Rom. 5:11 (como fêz a Edição Revista e Atualizada no Brasil).

A palavra "expição" é muito mais freqüente no Antigo Testamento. Apresenta-se amiúde na expressão verbal "fazer expiação" (Lev. 1:4; Êxo. 29:36), mas ocasionalmente também aparece na forma do substantivo "expição" (Lev. 23:27 etc.). O verbo é a tradução duma forma intensiva da palavra hebraica *kaphar*, que essencialmente significa "cobrir." A forma simples encontra-se em Gênesis 6:14, e embora tenha sido traduzida por "calafetar," significa realmente "cobrir." Imagina-se, portanto, que o significado fundamental da "expição," da maneira como esta palavra é empregada no Antigo Testamento, seja cobrir o pecado. Disto originaram-se as expressões derivadas: "reparar," "endireitar," "expiar," "fazer expiação."

Nos círculos teológicos o vocábulo "expição" recebeu um sentido técnico e em geral é usado para de crever o efeito remidor da encarnação, dos sofrimentos e da morte de Cristo. Nem todos os cristãos estão concordes no tocante ao que foi efetuado por êsses acontecimentos da vida de Cristo, e mantêm portanto diversas teorias acêrca da expiação.

É pois necessário esclarecer qual o aspecto da expiação que é considerado em qualquer declaração concernente ao assunto.

Por via de regra, os que ensinam que na cruz foi efetuada uma completa expiação, encaram a expressão em seu sentido teológico popular, mas em realidade o que querem dizer é que no Calvário foi oferecido por nossa sal-

vação o todo-suficiente sacrifício expiatório de Cristo. Com êste conceito concordam de bom grado todos os verdadeiros cristãos. "Temos sido santificados mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por tôdas." Heb. 10:10. Aquêles que consideram êste aspecto da obra de Cristo como uma expiação completa, aplicam êste termo *apenas* ao que Cristo realizou na cruz. Não incluem em sua definição a aplicação ao pecador individual, dos benefícios da expiação efetuada na cruz.

No entanto, há os que crêem que a expiação possui um significado muito mais amplo. Concordam plenamente com aquêles que dão ênfase a uma expiação completa na cruz, no sentido de um sacrifício expiatório todo-suficiente pelo pecado, feito uma vez por tôdas. Crêem que nada menos do que isso ocorreu na cruz do Calvário.

Não obstante, acreditam que no antigo ritual alegórico do santuário são apresentados outros aspectos da expiação. No sacrifício da manhã e da tarde êles contemplam uma expiação sacrificial *provida para todos os homens*. (Êxo. 29:38-42). Na oferta pessoal do próprio pecador êles divisam uma expiação sacrificial *apoderada pelo indivíduo* (Lev. 4:31). Havia então o grandioso clímax no Dia da Expição — um dia de juízo — quando se lidava definitiva e terminantemente com o pecado. Êles crêem todos que êstes rituais antigos eram figuras da obra de Cristo. Os sacrifícios da manhã e da tarde e as ofertas individuais pelo pecado apontavam para o sacrifício de nosso Salvador na cruz do Calvário. O ministério do sacerdote nesses rituais apontava para o elevado ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial, onde Êle aplica ao pecador individual os benefícios do sacrifício expiatório. E crêem também que as cerimônias do Dia da Expição apontavam para a obra a ser efetuada no que êles chamam de Juízo Investigativo, que culminará na definitiva obliteração da iniquidade, no fim do período de mil anos. — *Questions on Doctrine*, págs. 339-343.

Possuímos Informações . . .

(Continuação da pág. 17)

meio dia. Como influiria este ponto de vista na justa proporção e importância do sábado em nossa mente? Lemos em Êxodo 20:8-11 que um grande propósito do sábado é comemorar a obra dos seis dias. "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. . . . Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que nêles há." Se as substâncias químicas de nossa Terra existissem antes do primeiro dia, então a origem de todas as matérias-primas e de todas as leis fisiológicas pelas quais são constituídas e funcionam as coisas inorgânicas e até nosso corpo e o de todas as plantas e animais, não é comemorada pelo sábado. Tudo aquilo a que o sábado pudesse ser aplicado consistiria nalguns jardins panorâmicos (em grande parte destruídos no dilúvio do tempo de Noé) e na criação das coisas vivas. Sob tais condições, quão inadequado seria o sábado, por exemplo, para o mineralogista cujo interesse principal não estivesse nas coisas criadas durante os seis dias! Estabeleceria o Criador onisciente um memorial tão inadequado e restrito de Sua obra?

Não Ser Dogmáticos

Por outro lado, se cada objeto e substância que vemos no Sol, na Lua, nos planetas e na Terra se originou durante os seis dias, conforme é declarado em Gênesis 1:1 e 2; Êxodo 20:11; *O Conflito dos Séculos*, pág. 492; e *Patriarcas e Profetas*, pág. 348, quão apropriado é olharmos cada sábado com deleite para todo objeto, desde o pó sob os nossos pés até o mais afastado planeta de nosso sistema, louvando a Deus por Seu amor, onisciência, onipotência e onipresença e reavivando a fé em Seu desejo e habilidade de salvar-nos de nossos pecados e conduzir nos à Terra renovada!

Não obstante, à luz da verdade revelada, sempre devemos ter o cuidado de não ser dogmáticos quanto à idade das matérias-primas da Terra. Ao procurar, porém, adquirir certa compreensão deste assunto, escolheremos cuidadosamente o ponto de vista que esteja em harmonia com as afirmações bíblicas a esse respeito, que dê toda a honra à providência e onisciência de nosso Pai celestial e que seja também o mais conveniente em vista de toda a revelação especial. Deus pode abençoar-nos mais ricamente e agir mais eficazmente por nosso intermédio quando aceitamos a informação que Ele nos concedeu por revelação especial.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator-responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 34

N.º 3

NESTE NÚMERO

CAPA: © A. Devaney

- O PREGADOR E SUAS ORAÇÕES
R. Allan Anderson 2
- OS QUATRO "RE" DO EVANGELISMO
Enoch de Oliveira 5
- O MINISTRO — UM DIRIGENTE DE CULTO
Norval F. Pease 6
- AS FINANÇAS DA IGREJA
Ricardo D. Fearing 8
- COMO ESTUDAIS VÓS? — Conclusão
Bernardo E. Seton 11
- O DESAFIO DA CONCLUSÃO DA OBRA — 2.ª Parte
Roberto H. Pierson 13
- POSSUÍMOS INFORMAÇÕES INSPIRADAS SOBRE A
IDADE DA TERRA?
Frank Lewis Marsh 16
- O QUE OS ADVENTISTAS TÊM ENSINADO SOBRE
O ARMAGEDOM E O REI DO NORTE
D. E. Mansell 18
- ANTIOCO EPIFANIO E AS ESPECIFICAÇÕES PRO-
FÉTICAS DE DANIEL
Conclusão 21
- UM CONCEITO MAIS AMPLO A RESPEITO DA EX-
PIAÇÃO 23

